

Uma aventura iconográfica: piratas a procura de um tesouro perdido

Joseano Moncaio Moraes

*Graduando em Pedagogia
UNESP – Rio Claro*

A partir de uma proposta de seminário feita pelo Prof. Jorge Mialhe, doutor em História Social pela Universidade de São Paulo (1997) e Professor Doutor (efetivo) da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP-Rio Claro), alunos do segundo ano do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia desta mesma unidade, tiveram como desafio, pesquisar os registros iconográficos (fotos) de escolas públicas e privadas da rede estadual de ensino das cidades de Rio Claro, Piracicaba e Araras. Essa pesquisa serviu como atividade complementar da disciplina “História da Educação Moderna e Contemporânea” ministrada pelo mesmo, no primeiro semestre de 2010.

O professor propôs que, em grupos, os alunos escolhessem uma unidade escolar de sua preferência e iniciassem a pesquisa coletando, no Arquivo Público das cidades ou nas escolas escolhidas, fotos antigas e/ou recentes, que possibilitassem um resgate da história dessas escolas, com a finalidade de apresentá-las – em forma de seminários – para toda a sala. Seria um trabalho tranquilo se não fosse a surpresa dos alunos ao descobrirem que, nem no Arquivo (falando de Rio Claro), nem nas escolas, os registros iconográficos eram abundantes. Salvo exceções (as escolas particulares e algumas públicas), a grande maioria das escolas pesquisadas não tinha registros adequados de sua história em fotos, e quando havia algum registro, a maior parte estava sem data ou qualquer outro tipo de identificação, dificultando assim o trabalho de resgate histórico. O Arquivo, por sua vez, também não tinha muito material para ser pesquisado, dando a impressão aos alunos de que houve certo desinteresse por parte da sociedade e dos órgãos públicos, na conservação destes documentos.

Em consequência disto, os alunos tiveram dificuldade para identificar datas e nomes nos registros iconográficos, comprometendo o processo de pesquisa proposto pelo professor. Diante dos fatos, algumas questões foram levantadas pelos alunos em sala de aula. Por que o material iconográfico é tão raro em determinadas unidades escolares? Será que as famílias de alunos que passaram por essas escolas não tinham o costume de fotografá-las? Será que os diretores também não guardavam esse costume ou se tinham o hábito de fotografar, onde estariam essas fotos? O que teria ocorrido com o material iconográfico da maioria das escolas públicas? Pela brevidade da disciplina, essas questões permaneceram sem respostas para a sala.

Mas apesar das vicissitudes, os alunos fizeram um verdadeiro trabalho de garimpagem nas escolas, no Arquivo Municipal e no Museu



Marcello Schmidt. Fonte: Acervo da Escola.



Diretor Professor Antônio Sebastião da Silva. Arquivo Público e Histórico de Rio Claro.



Corpo docente do Grupo Escolar Marcello Schmidt 1913. Ao centro, o Diretor Professor Antônio Sebastião da Silva. Fonte: Arquivo Público e Histórico de Rio Claro.

“Amador Bueno da Veiga”. Por meio da história oral, foi possível resgatar algumas datas, como também nomes de personagens que as fotos traziam. Os alunos se entregaram a uma aventura, como piratas em busca do “tesouro perdido”. Foram meses de imersão no universo histórico da cidade que acabaram por dar-lhes uma pequena noção do árduo trabalho de um historiador e de sua importância para a preservação da história de uma comunidade, bem como da importância do Arquivo Público e Histórico de um município para auxiliar neste trabalho.

Segundo Rosa (2007),

Os arquivos como local específico para guarda e proteção de documentos tiveram origem na antiga civilização grega. Nos séculos V e IV a.C., os atenienses guardavam seus documentos de valor no templo da mãe dos deuses, ou seja, no Metroon, junto à corte de justiça na praça pública de Atenas. Nele, conservavam-se os tratados, leis, minutas da assembléia popular e demais documentos oficiais (p. 2).

Mas somente com a Revolução Francesa, “reconheceu-se a responsabilidade do Estado na preservação dos documentos de valor

do passado” (ROSA, 2007, p. 2), assim como o direito do povo ao acesso a estes documentos, dando aos Arquivos o caráter de bem público.

Já no final do século XIX, por influência dos historiadores, começou-se a compreender que os documentos recentes também formam Arquivos e que seria importante assegurar-lhes a conservação.

Ainda como afirma Rosa (2007),

Uma série de fatos novos marca a Arquivologia dos últimos trinta anos do século XX, fatos esses que estão ligados à própria evolução da civilização e do conhecimento. Há a adoção de arquitetura moderna e funcional nos prédios de Arquivos, utilização de microfilmagem de substituição, programas de história oral, restauração de documentos pelo emprego de máquinas e material sintético, aparecimento de depósitos intermediários de Arquivos ou administrativos e nos Arquivos econômicos, pessoais e familiares, e, por último, tentativas de aplicar as conquistas de eletrônica ao trabalho arquivístico.

Portanto, podemos constatar que já há muito o desenvolvi-

mento da ciência tem colaborado com a Arquivologia, possibilitando uma melhora nos sistemas de conservação de documentos históricos e invalidando, portanto, qualquer desculpa para que esta conservação não ocorra.

Foi pensando nisto que alguns alunos resolveram – além de garimpar fontes passadas – produzir novas fontes, com o propósito de registrar o presente para um possível arquivamento, já que os documentos recentes também formam o arquivo.

Em conversa com a superintendente do Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro, Maria Teresa de Arruda Campos, relatei a experiência descrita acima e daí surgiu a idéia de socializar os resultados obtidos pelos grupos, com a possibilidade de um trabalho ainda maior de pesquisa e produção de documentos que venham a colaborar com o Arquivo e sirvam para conscientizar e estimular toda a sociedade rio-clarense e o Poder Público, da importância do Arquivo Municipal, bem como da necessidade de iniciativas que contribuam para o enriquecimento histórico-cultural do município, resgatando a história da cidade.



Grupo de Alunos do Grupo Escolar Marcello Schmidt 1920.
Fonte: Museu Amador Bueno da Veiga



Grupo de Alunos do Grupo Escolar Marcello Schmidt.
Fonte: Arquivo Público de Rio Claro

Vale ressaltar que o Arquivo Público é uma instituição garantida por lei, e também um instrumento para o exercício da cidadania, precisando assim de políticas públicas bem elaboradas para seu melhor funcionamento e do apoio da comunidade à qual serve.

Apresento então, como início de uma proposta maior, o trabalho realizado por alguns desses alunos, entre os quais eu me encontro. O grupo composto por Gabriela Franco Subtil, Hellen Caroline Lopes, Juliana Eduarda Anderson, Sônia Conceição Devidé Minucci e eu, pesquisou sobre os registros iconográficos da escola “Marcello Schmidt”, uma escola centenária localizada no centro da cidade de Rio Claro.

Construída em 1865 por Amador Rodrigues Lacerda Jordão, Barão de São João do Rio Claro, foi propriedade de José Estanislau de Oliveira, Visconde do Rio Claro, que residiu no local de 1875 até o seu falecimento, em 1884. Neste período o casarão teve salas cedidas à Câmara Municipal. Em 1892 foi doado em testamento à neta do Visconde, Clementina Eugenia de Oliveira que foi casada com Marcello Schmidt. Entre 1898 e 1903 foi cedida para o funcionamento do grupo escolar, o qual

se instalou definitivamente em 1911. Em 1929, após o falecimento de Marcello Schmidt, recebeu o nome do Patrono. Antes de se tornar prédio do grupo escolar, o casarão hospedou personagens ilustres, entre eles Dom Pedro II.

O Cel. Marcello Nery Schmidt, nasceu em Valença no Estado do Rio de Janeiro, a 5 de maio de 1861 e faleceu em Rio Claro a 11 de abril de 1929. Filho de Dna. Ornélia de Sá Lobato e do Engenheiro Andréas Schmidt, de nacionalidade alemã, que aqui morou e foi um dos construtores da Estrada de Ferro de Campinas - Rio Claro.

O Cel. Marcello estudou humanidades em Campinas no Colégio Internacional e depois cursou a Escola de Belas Artes no Rio de Janeiro, diplomando-se em Pintura. Formado aos 20 anos de idade, veio para Rio Claro, onde o seu pai exercia as funções de engenheiro da Estrada de Ferro. Aqui se casou com a neta do Visconde do Rio Claro, Dna. Clementina Eugênia de Oliveira, filha do Major Antonio Galdino de Oliveira. Eram seus filhos: José Estanislau de Oliveira Schmidt, Antonio Victor Schmidt, Cândido Andréas Schmidt – que foi tesoureiro da Agência Postal desta cidade – e Dna. Elisa Christina

de Oliveira Schmidt, todos já falecidos.

Como presente de casamento, recebeu do Visconde do Rio Claro, a Fazenda Tanquinho, localizada no Bairro da Assistência. Ali, por longos anos, dedicou-se à atividades agrícolas e à criação de gado.

Convidado por amigos ingressou na política e defendeu os ideais republicanos, ao lado de Cerqueira César, Teixeira das Neves, Francisco de Arruda Camargo, Manoel Pessoa de Siqueira Campos, Alfredo Ellis e outros, em pleno regime monárquico.

Foi um dos fundadores do Partido Republicano Histórico em Rio Claro, e o seu prestigioso chefe, desde 1901 até 1929. Este partido venceu na memorável eleição de 1904 a facção liderada pelo Cel. Joaquim Salles, irmão de Campos Salles, fazendo a maioria dos vereadores na Câmara, e assumindo a direção do poder público, sem mais perder eleições até o ano de 1930, quando as Câmaras Municipais foram depostas pelo Governo Ditatorial de Getúlio Vargas.

Ocupou o Cel. Marcello, cargo de vereador e de Presidente da Câmara nos exercícios de 1892 a 1895 e por sucessivas reeleições



Escadaria interna que dá acesso ao pátio.
(Fotografia de Sônia Conceição Devidé Minucci e Fabiano da Rocha)



Quadra da escola.
(Fotografia de Sônia Conceição Devidé Minucci e Fabiano da Rocha)



Refeitório da escola.
(Fotografia de Sônia Conceição Devidé Minucci e Fabiano da Rocha)

exerceu a política por mais onze anos, tendo nesse período ocupado a Presidência da Câmara por diversas vezes. Seu último mandato foi no período de 1913 a 1919, quando foi eleito Vice-Presidente do Legislativo.

Criando em Rio Claro o Banco Noroeste do Estado de São Paulo, foi convidado para ser o seu primeiro Gerente – de 1922 a 1924. No final de sua vida, já cansado, foi escolhido pelo Partido e eleito Deputado à Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo, como representante do Oitavo Distrito Eleitoral, do qual Rio Claro era parte integrante. Não pôde, porém, terminar o seu mandato, a morte o surpreendeu a 11 de abril de 1929.

Faleceu em sua residência, no palacete que posteriormente pertenceu ao Dr. Ruy Ladislau, na Avenida 1 – nº 3 antigo.

Foi o Cel. Marcello Schmidt, um dos chefes políticos de maior prestígio do Oitavo Distrito Eleitoral e dos mais acatados em Rio Claro. Era enérgico e leal com seus companheiros e respeitoso para com seus opositores; os seus atos, sempre pautados de inteira justiça eram bem recebidos pela população, que nele via o seu verdadeiro guia, e de fato, ele era um verdadeiro condutor de homens, um líder! Seu espírito público elevado, acrescido de honradez, capacidade e discernimento, foi o que o conservou por trinta e cinco anos consecutivos na direção da política rio-clarenses.

O Grupo Escolar “Marcello Schmidt” atendia uma camada bastante diversificada de alunos, com uma forte presença de imigrantes. Em 1912 o Grupo Escolar possuía 468 alunos matriculados, sendo destes, 219 filhos de pais estrangeiros e 249 filhos de pais brasileiros (Anuário do Ensino do Estado de São Paulo, 1911, p. 470-1). Em 1917 o número de estrangeiros se intensificava ainda mais, pois dos 672 alunos matriculados, 295 eram filhos de brasi-

leiros e 377 eram filhos de estrangeiros (Anuário do Estado de São Paulo, 1917, p. 482). Porém, a exclusão do negro aqui também acontecia. Dos 148 alunos representados apenas 10 eram negros, conforme evidenciado nas fotos.

Os documentos iconográficos que seguem foram coletados, parte no Arquivo Público, parte no Museu e parte na própria escola, com exceção das fotos recentes que foram produzidas pelo grupo.

Espero sinceramente, que o relato dessas experiências sirva para incentivar toda a sociedade a participar da produção de novos documentos, pela conscientização de que este tipo de ação pode contribuir para a preservação da história da cidade, tão cara aos seus futuros moradores. Desejo que este seja o primeiro trabalho de uma série, e que o espaço esteja aberto à novas idéias e produções, visando o resgate histórico-cultural da cidade. ●

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, de Nelson Martins. *Álbum de Rio Claro - Documento Histórico Ilustrativo do município*. Rio Claro. 1951.

Arquivo Público e Histórico do Município de Rio Claro.

BILAC, Maria Ap. O.; Bilac, Jorge Elisabete Dória. *Secretaria de Cultura, Ciências e Tecnologia- Governo do Estado de SP. Cap.8A. pg. 175e176*. Rio Claro. 1978.

Museu Histórico e Pedagógico “Amador Bueno Da Veiga”.

ROSA, Vera Lúcia da. *A importância de um arquivo organizado para a gestão do conhecimento na empresa*. UNISUL. Tubarão. 2007.

Subtil, Gabriela Franco; Lopes, Hellen Caroline; Moraes, Joseano Moncaio; Anderson, Juliana Eduarda; Minucci, Sônia Conceição Devidé. *Trabalho iconográfico: história da Escola Municipal “Marcello Schmidt”*. UNESP. Rio Claro. 2010.